



3º lugar

Mariana M. Furtado Gaspari

Uma pandemia em minha vida

Eu, uma epidemiologista, quantas vezes estudei o termo pandemia, um termo que parecia tão distante e incompatível com os dias atuais. De repente me vi no meio de um livro de História. Sim, aqueles que a gente tem que ler na escola, dos tempos das pragas que atingiam toda uma população, das grandes infecções.

Lembro-me bem do dia 14 de março de 2020 quando tomamos a indimensionável decisão de iniciarmos nossa quarentena e isolamento social. Ah...parecia tão simples: ficar em casa, não ir à escola, às aulas de patinação, aulas de natação, piano, esquecer as idas ao shopping, aos parques, dos passeios, das visitas aos familiares e amigos. Tudo por um bom motivo: para nos preservar e preservar aos outros. E nada melhor do que estarmos juntos: a mãe, o pai e as crianças. E assim, iniciou-se, arrisco-me a dizer um dos maiores desafios vividos por mim até aqui. Em um apartamento, sem varanda, onde a fresta do Sol bate pela manhã em um único cômodo e rodeado de vizinhos!

Conter um bebê de um ano e meio até que não tem sido tão difícil. Afinal, nosso corredor às vezes se assemelha à uma grande pista de corrida, e as opções de esconderijo são ainda inúmeras. O mesmo já não posso dizer da minha não mais criança de 8 anos. Que em um primeiro momento adorou ter sua festa de aniversário online, onde nos reunimos em diversos quadradinhos diante de uma tela de computador, tudo novidade! E eu, tão relutante à tecnologia, tive que reconhecer sua importância nesse momento e quantos benefícios ela não nos traria.

E assim tem sido há exatos 170 dias. Sim um, sete, zero! Incríveis. Inacreditáveis. Inimagináveis! Fáceis? Não, nenhum pouco. Imagina juntar a Lua, o Sol, a Água e o Fogo. Coloque todos juntos. E o que temos? Um fogo ardendo, a água tentando apagar, o Sol e a Lua constantemente querendo brilhar primeiro. Pois bem, é a nossa família em uma caixa de sapato. Caixa de sapato? Sim. Uma em cima da outra. Apartamentos? Quem inventou? Por quê? Área de recreação comum, fechadas para o momento. Elevadores, onde apenas uma família desce por vez. Ah...que chato!

E sair de casa? Um, dois, três, ei...cadê sua máscara? Volta pra casa, pega a máscara. Vamos entrar no carro, segura aqui, espera aí, ei...essa máscara no chão é sua? Aaaahhhh. Pois é...o novo normal é chato! Tem um pano no nosso rosto. Um pano que não me deixa puxar o ar como eu gostaria, um pano tampando o meu sorriso. Sim, estamos aprendendo a sorrir com os olhos. Beijos, abraços? Não nos pertencem mais. Sempre a regra: 2 metros de distância! Não se esqueça! Sair de casa é muito, muito chato!

Então, voltemos para dentro de casa. A caixa de sapato! Com a Lua, o Sol, o Fogo e a Água. Afff... criamos regras, descriamos, criamos outras, as rasgamos e assim continuamos sempre nos reinventando. Não, ainda não achamos o ideal, e hoje, arrisco- me a dizer que não o encontraremos e continuaremos nos reinventando. Ficamos trancados, nós, com nós mesmos, com aqueles que mais amamos, no lugar onde escolhemos e arrumamos para viver. Mas talvez não estivéssemos preparados para o convívio 100% do tempo, sem outras distrações, sem ajudas de terceiros, sem passeios ou recreações outdoor. Sim 100%, única e exclusivamente: a nossa família no Lar doce Lar. Aprendemos e continuamos no aprendizado. Às vezes tudo flui que é uma maravilha, principalmente quando todos decidem ajudar. Mas, não podemos esquecer que a casa não se limpa sozinha, a roupa não aprendeu a se lavar ou ser estendida, muito menos a retornar para a gaveta. Ah, se a comida se fizesse um banquete em cada refeição e a louça simplesmente se auto-lavasse. Talvez a pandemia teria sido mais leve para todos nós. Em relação a isso, em dia de faxina, todos ajudam, do seu modo... Sempre tem aquele que não consegue ver as coisas no seu devido lugar, nem por um segundo e é um corre-corre para que não espalhe novamente todo o Playmobil recolhido. Mas, aprendemos que isso também faz parte. Assim como o choro para arrumar a famosa caixa dos objetos fora do lugar. Confesso, que na maioria das vezes é assustadora. Seria mais fácil usar e guardar no lugar certo, mas é tão difícil né? Já desistimos disso também.

Como falei, continuamos: Já sorrimos. Já choramos. Já nos divertimos. Já nos machucamos. Já pensamos estar contaminados. Já nos ficcionalmente nos curamos. Já fomos passear, ver os peixinhos, no pediatra. Tem dias que tudo dá certo, mas tem dias... E continuamos assim, sempre tentando melhorar e achar o convívio ideal, pois afinal, essa pandemia é o olhar para dentro, olhar para a família, nos conhecer e melhorarmos como pessoa. Lá fora, foge ao nosso alcance, deixemos para um outro texto. Voltemos para nosso aprendizado de vida.

O isolamento social faz parte do nosso aprendizado e crescimento como pessoa. Não podemos sair igual dessa pandemia. É o nosso esforço pelo mundo. A vida, é uma breve passagem, uma etapa nossa pela Terra. Daqui, nada levaremos a não ser nossos aprendizados. Devemos aproveitar esse tempo para fortalecer nossos laços e crescer espiritualmente. O mundo não estava bom, precisava desse tempo. Desmatamento, poluição, aquecimento global... se vai mudar? Não sei, as vezes acho que não, muito difícil. Mas eu mudei, meus filhos terão novos aprendizados, e nós faremos diferente. Sairemos melhores.
